

Solista

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

A MISCIGENAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

BIBLIOTECA	
UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT	
RG N°	10224
Data	08 / 06 / 04

PONTES E LACERDA, (MT) 2003.

Turno 2003/1

SORAIA RODRIGUES DA CUNHA

**Ensaio Monográfico apresentado à
Unemat/Campus Universitário de
Pontes e Lacerda como requisito fi-
nal para a obtenção do grau de Li-
cenciatura Plena em Letras.**

Orientador: Prof. Ricardo Marques Macedo

Dedico especialmente ao Lindomar, por ter me dado forças e ficado com nosso filho todas as noites para que eu pudesse concluir o curso.

Agradeço ao meu orientador Prof.
Ricardo por ter me acompanhado e
incentivado nessa grande jornada.

Reading maket a full man,
Conference a ready man and
Writting an exact man.

(Ler dá ao homem completude
falar lhe dá prontidão e escre-
ver o torna preciso).

Francis Bacon: Essays of Studies

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
A LÍNGUA E A SUA HISTÓRIA	09
A MISCIGENAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
BIBLIOGRAFIA	21
ANEXO	23

INTRODUÇÃO

Este ensaio monográfico trata da história da língua portuguesa e seu processo de legitimação e evolução no decorrer dos anos.

Falar sobre essa evolução e suas variações, leva-nos a pensar o porquê da recriminação das classes dominantes sobre o falar de certas regiões, tentando entender essas e outras particularidades da língua.

Desenvolvi este trabalho, baseado em leituras feitas sobre a história da língua portuguesa e na sociolinguística, a qual aborda o social e a relação entre língua, o homem e o meio, buscando elementos que possam trazer maior compreensão sobre a língua e as suas variedades, levando em consideração o percurso e as transformações sofridas pela língua.

Importa salientar, que a abordagem sobre a língua ou linguagem, leva-nos por vários caminhos os quais nos fazem pensar como é complexo o processo de aquisição da língua.

Abaurre, no livro “Cenas de aquisição da linguagem”, mostra que para ter linguagem, temos de identificar o momento da escrita e da fala, pois só através desse ato é que vamos compreender se estamos realmente adequados à linguagem. Para compreender melhor esse conceito, Abaurre afirma:

A aquisição da escrita é um momento particular de um processo mais geral de aquisição da linguagem. Nesse momento, em contato com a representação escrita da língua que fala, o sujeito reconstrói a história de sua relação com a linguagem. (ABAURRE, 2001, p.22)

É na escrita que o sujeito escreve aquilo que fala, ou seja, ele estabelece um elo entre sua fala e a representação escrita da mesma.

Ao lermos matérias em livros, jornais e revistas sobre o ensino da língua nas escolas, nos deparamos com uma enorme complexidade no que diz respeito língua/sujeito; ou seja, os dialetos criados para determinar o falar de uma região, a variação lingüística, e o processo como ocorreu sua evolução. No entanto, falar sobre essas variações, nos leva a pensar nos motivos de tantas divergências entre língua padrão e a língua coloquial. Responder algumas destas questões e entender o porquê de tanta complexidade é a tarefa deste ensaio monográfico.

Realizei um estudo para verificar problemas como os encontrados na escrita e na fala, tentando verificar a importância que se dá à escrita e o desprezo pela fala. Vejamos o que Fávero diz sobre isto: “Normalmente, a fala é observada a partir da escrita e não por meio de um grau desejável de autonomia”.(FÁVERO, 2002. p.82)

Segundo este conceito, é a partir da escrita que estabelecemos se a nossa fala esta correta ou não. É nesse momento da transição do oral para a escrita, que estamos sendo avaliados.

Utilizamos nossa língua portuguesa em diversos meios expressivos, onde estes são muito importantes, pois é através desses meios expressivos, que conseguimos nos relacionar tendo em vista que ninguém vive isolado. É através destes relacionamentos, que construímos uma vida em comunidade. Entre os meios expressivos existentes, o que mais se destaca, sendo o principal, é a fala e é por este motivo que se dá a importância de estudá-la.

Tentarei, então, esclarecer, a partir deste trabalho, todas essas transformações ocorridas na aquisição da língua e a complexidade que a mesma possui, abordando também a iniciação do processo da língua portuguesa e contextualizando o processo de legitimação.

A LÍNGUA E A SUA HISTÓRIA

Iniciarei abordando previamente sobre o processo histórico da linguagem. Segundo Rousseau, a linguagem nasceu de uma profunda necessidade de comunicação entre os homens. Para que os homens conseguissem utilizar a linguagem, foi necessário o desenvolvimento de códigos comuns, verbais e não verbais. Estes códigos comuns, constituíram os sistemas de signos comuns com características próprias. São estes signos comuns que recortam a realidade. Os sistemas de signos não podem ser considerados naturais, pois os animais não possuem a linguagem. A linguagem é cultural, desenvolvida unicamente pelo homem.

Edward Lopes afirma que estes sistemas de signos existem de diversas formas e a ciência que os estuda é a Semiologia ou Semiótica. A linguagem é o veículo das ideologias e esta ideologia é a visão de mundo de um determinado grupo social. Cada grupo social possui a sua ideologia, que é constituída no decorrer da aprendizagem de cada indivíduo e através das práticas sociais materializadas por diferentes formas de sistemas de signos.

A ideologia está presente na consciência social. O que define consciência social são fatores sociais do mundo que os cerca. É o fato de um grupo social pensar o mesmo sobre um aspecto que é caracterizado por uma constituição histórica. Se a consciência é social, logo a ideologia é social, pois esta está impregnada na consciência do indivíduo.

Benveniste também nos fala que a linguagem é uma “faculdade humana característica universal do homem”(BENVENISTE, 1995. p.20), já as línguas são particulares e variáveis, alterando-se conforme a região. Essas alterações particulares da língua podem ser identificadas, por exemplo, por regiões. Em nosso meio social,

temos alterações lingüísticas por extensões geográficas, com é o caso dos gaúchos e dos nordestinos.

Para aprender a linguagem e adquirir diversos conhecimentos através dela, é importante que se conheça as diversidades de textos que existem e que circulam no nosso dia-a-dia. Por isso, cabe a nós, desenvolvermos a nossa capacidade, a imaginação e a criatividade. Esse é um processo que está ligado junto a sociolingüística (ciência que estuda a influência do social na linguagem). Esta influência que a sociedade exerce sobre a linguagem, está no fato de um determinado grupo social falar um dialeto, sendo este determinado pela comunidade local, e este dialeto sofrer alterações para outro grupo social, que possui o mesmo sistema de signo lingüístico. Biderman nos fala sobre esta padronização lingüística: “Quando uma comunidade elege um modelo de linguagem como padrão ideal que deve ser portanto, imitado e preservado, ocorre, então, o fenômeno da padronização lingüística.” (BIDERMAN, 2001).

A Lingüística, é a ciência que estuda apenas a língua verbal ou signos lingüísticos. Ferdinand de Saussure, considerado o pai da Lingüística, nos fala que a língua:

não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (...) poder-se-ia objetar que o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional. (SAUSSURE, [ca.1971], p.17)

Contextualizando Saussure, podemos dizer que a língua não está na mente de uma só pessoa. Para que a língua funcione, é necessário que um todo o faça, ou seja,

através de uma convenção social, ser estabelecido o significado de signos, de forma que todos os falantes tenham uma mesma leitura destes signos.

Segundo Túlio, “[a língua] é ao mesmo tempo produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”.(TÚLIO apud BIDERMAN, 2001. p.13)

Dentro desse contexto da língua, aprendemos a falar e escrever conforme o português padrão/ dialeto padrão. Adquirimos o dialeto padrão, a qual pode ser considerada uma determinada variedade lingüística. Esta variedade foi escolhida como correta em nossa sociedade, porque é um dialeto utilizado pelas pessoas com prestígio social e por merecer atenção de gramáticos e escritores.

Como já abordei acima, existe uma forma correta de falar em um grupo social. As formas que não correspondem com esta, são consideradas erradas. É exatamente por essas questões, que vamos falar um pouco da história da nossa língua, para mostrar de uma maneira melhor, como surgiu a língua padrão (correta), e paralelo a esta língua, os dialetos regionais.

Adentrando na história, percebi que essa diferença entre dialetos, já existia antigamente. Havia o latim clássico (sermus urbanus), considerado o correto e o vulgar (sermus vulgaris), sendo este utilizado pelos soldados romanos, em uma região da península itálica. Este último, foi levado para outros países, conquistados pelos romanos, sendo, também utilizado em Portugal. Com a seguinte citação, podemos constatar esta expansão do latim vulgar:

O português é derivado do Latim, língua que era falada em uma Região da Península Itálica – o Lácio – (onde hoje se localiza a Roma). Mais tarde, passou a ser a língua dominante de toda a península. Com as sucessivas invasões romanas, o Latim foi levado

para os países conquistados. A Península Ibérica (que corresponde hoje à Espanha e Portugal) foi uma das províncias dominadas pelos romanos. Os povos que nela habitavam acabaram assimilando a língua falada pelos dominadores. Além do aspecto lingüístico, os romanos foram pouco a pouco influenciando os costumes e as crenças dos povos conquistados. Estes, por sua vez, também contribuíram para a transformação do latim, com seus hábitos lingüísticos.

Várias causas contribuíram para modificação do Latim:

a língua falada pelos soldados romanos não era o Latim culto, erudito; era o “latim popular”, uma língua por isso mesmo em constante revolução; as conquistas romanas ocorreram em épocas diferentes e numa vasta extensão geográfica.

Foram esses alguns dos fatores que deram origem à formação das chamadas línguas neolatinas ou românticas: o romeno, o francês, o espanhol, o italiano, o português.

Foi decisiva a transformação do latim vulgar para a formação da chamada língua portuguesa... (CÉLIA, apostila)

Foi a partir desta expansão do latim vulgar, que deu origem as línguas neolatinas ou românicas e os vários dialetos, como, por exemplo, o galego – português, que posteriormente, deu origem a nossa língua portuguesa. Esta origem da língua portuguesa é, o resultado de uma miscigenação lingüística, que envolve falantes do português europeu, de línguas indígenas, línguas africanas, somadas aos emigrantes europeus e asiáticos.

A língua portuguesa dividiu-se em dois momentos:

1. *O português arcaico*: “entre o século XIV e XVI, com a construção do império português de ultramar portuguesa faz-se presente em várias regiões da Ásia, África e América, sofrendo influências locais (presentes na língua atual em termos como *jangada*, de origem malaia e *chá*, de origem chinesa). Com o Renascimento, aumenta o número de italianismos e palavras eruditas de derivação grega, tornando o português mais complexo e maleável. O fim dessa consolidação da língua (ou de utilização do português arcaico) é marcado pela publicação Cancioneiro Geral de Garcia de Resende, em 1516.
2. O português moderno: no século XVI, com o aparecimento das primeiras gramáticas que definem a morfologia e a sintaxe, a língua entra na sua fase moderna: em *Os lusíadas*, de Luís de Camões (1572)

o português já é, tanto na estrutura da frase quanto na morfologia, muito próximo do atual. A partir daí, a língua terá mudanças menores: na fase em que Portugal foi governada pelo trono espanhol (1580-1640), o português incorpora palavras castelhanas (como *bobo* e *granizo* e a influência francesa no século XVIII (sentida principalmente em Portugal) faz o Português da metrópole afastar-se do falado nas colônias.” <http://www.linguaportuguesa.ufrn.br>, acesso em 22/05/2003. p.3)

A língua portuguesa tornou-se oficial por determinação do rei D.Dinis, pois este, queria separar esta língua da influência espanhola, como podemos comprovar:

O rei Trovador, que tentava dessa forma, separar, a língua da influência espanhola, fundou em 1920 a Universidade de Coimbra, da qual saíram homens cultos e aptos a perpetuar o Português, como língua oficial daquele pequenino país de 561 quilômetros de comprimento, ocupando apenas 8900 quilômetros quadrados de área. (CÉLIA; apostila)

Nesse processo histórico de legitimação de nossa língua, além da miscigenação de línguas oriundas dos colonizadores, temos a disciplinação da língua tupi, falada pelos indígenas, que habitavam as terras do Brasil, antes da colonização. Esta língua, passa a ser transcrita pelo modelo europeu, sofrendo alterações em sua forma original. Todas essas variações que compuseram a língua portuguesa, permitiram então, o surgimento de dialetos paralelos a língua legitimada. Sobrinho explica de uma maneira interessante a relação entre a língua portuguesa e os dialetos: “ninguém tem dúvida de que a língua, um idioma próprio e distinto e não dialeto, embora nele se integrem dialetos”.(SOBRINHO, 2000)

São fatores históricos, políticos, sociais, culturais e religiosos, que determinam a diferença entre a língua e os dialetos. Assim, a língua a ser adquirida e falada por todos, é uma só, mas, cada região articulará essa língua de uma maneira diferente, que acaba distanciando um pouco, do dialeto considerado padrão.

A MISCIGENAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A partir de sua independência, o Brasil inicia o processo de legitimação da língua portuguesa, que acaba sendo baseada em dialetos da mistura de raças africana, do branco e do índio. Isso se deu, porque houve um fluxo migratório muito intenso, em nosso país, antes e depois de sua independência, com mistura de raças e com os missionários jesuítas que vieram “disciplinar” a língua tupi, falada pelos índios. Foi então, que estabeleceu-se a língua portuguesa, num processo de exclusão daquelas línguas, com as quais ela coexistiu, como as línguas faladas pelos imigrantes, que para cá vieram, como também, a língua falada pelos índios, o tupi. Complemento este pensamento, com o que Gallo nos fala:

Essa língua portuguesa, já em grau de legitimação avançada no Brasil, (produto de três séculos de trabalho nessa direção) passaria a ser ensinada, então, como “Norma” lingüística, resultado de um longo processo ideológico. (GALLO, 1992. p.53).

Foi a partir dessa normatização da língua, que surgiu a língua padrão e a não padrão. Quem não falasse conforme as normas estabelecidas, estaria falando erradamente, perante o dialeto padrão. Foi então que os nobres começaram a diferenciar-se dos outros, através da própria linguagem, pois estes falavam respeitando as normas, ou seja, falavam a língua padrão. Isto, de certa forma, acabava causando até um certo constrangimento para aqueles que não conseguiam acompanhar o desenvolvimento de sua própria língua.

É dentro desse contexto, que percebemos o quanto a classe dominante influi em nossas vidas. Até hoje, quem possui uma boa instrução, fala melhor sua fala é levada em consideração, pois, isto denota respeito, pelo fato de considerarem que

sabem mais do que os que não têm acesso à língua padrão, sendo estes julgados e até colocados às margens da sociedade.

A Escrita nos é deixada como consequência de inúmeras teorias, que foram transcritas da oralidade não legitimada, produtora de inúmeros sentidos.

Em se tratando da legitimidade da língua, sabemos que a Escrita, enquanto transcrição da oralidade, aproxima-se da Escrita, enquanto Escrita Sagrada, o que forma dois processos discursivos: A Escrita legítima, produtora de um sentido único; e a oralidade não legitimada, produtora de sentidos múltiplos. Tanto o léxico quanto a sintaxe, são produtos de um processo histórico e político, pois são legitimadas pela norma, enquanto que a oralidade, além de não ser produzida de acordo com a norma, não passa também pelo processo de legitimação.

Agora, a Língua Portuguesa, passa a ser ensinada como sendo Norma Lingüística, resultante de um longo processo ideológico, e “o Brasil será dito pela língua portuguesa e esta lhe imputará o verdadeiro sentido”. (GALLO, 1992. p.52)

Durante esse processo, temos o surgimento da figura do autor. Esta autoria, surge com um deslocamento sofrido pelo sujeito, no século XVIII. Esse deslocamento, nada mais é, do que a apropriação, por parte do sujeito, de um discurso re-produzido e já legitimado. É então, que surge o Autor – Nacional, sujeito de um discurso legitimado, que se caracteriza como mediador entre a ideologia e o sujeito. Podemos verificar isso, com o que nos fala Gallo:

O deslocamento pelo qual o sujeito, subordinado à verdade do seu discurso, na época clássica, se torna progressivamente a fonte desse discurso, enquanto um nó de necessidade, de temores e de desejos... (PÊCHEUX, apud GALLO(1988), 1992. p.53)

Evidentemente que, no Brasil, o fato de a Língua Portuguesa passar a ser ensinada nas escolas tem relação direta com a “transição” a que se refere Pêcheux. Dessa forma, passará a existir em “língua nacional” uma produção literária pela qual o sujeito poderá se responsabilizar e

se colocar como Autor. Finalmente, um Autor-Nacional. No entanto, sua produção será, na verdade, a re-produção de um discurso já legitimado (Escrito). Esse sujeito passa, assim, de “subordinado” a Autor.

(GALLO, 1992. p. 54)

Através da função-autor, percebemos que há um discurso legitimado e o não legitimado, e sabemos que a população do Brasil pratica o discurso não legitimado. Isto se dá, pelo fato de que o aparelho ideológico Escolar inculca durante anos em nossa mente, os saberes contidos na ideologia dominante. Este aparelho dominante, era, antigamente, representado pela igreja, e hoje, é a escola.

É na escola que se constitui o lugar de conservação dos discursos que estamos falando; o discurso da Oralidade e o Discurso da Escrita, pois, a escola tem o discurso escrito como modelo para ser seguido, ela ensina o Discurso da Escrita analisado e estudado, mas não ensinado, pois, a escola não é produtora, como os jornais e revistas, ela simplesmente mantém o discurso.

O discurso do aluno é oral, por mais que ele tenha todos os requisitos para se manter inscrito no discurso escrito, isso não acontecerá, porque não é legítimo, pode ser legítimo dentro da escola, por estar de acordo com as normas, mas fora da escola, o seu texto continua fazendo parte de um discurso oral, inacabado e ambíguo e, por isso, não sendo legitimado.

A partir de então, começamos a perceber os processos da língua, pois, não podemos esquecer que em nosso país há uma grande variedade lingüística, não esquecendo também dos dialetos, pois, cada região possui um modo de falar.

Essas questões lingüísticas, juntamente com a constituição de um Língua Nacional, fazem-nos analisar o quanto a história faz parte de nossa língua, na qual estão envolvidas, todas as questões sociológicas, filosóficas e até mesmo, as científicas. Por isso, afirma Orlandi e Guimarães que “Nesta história é crucial a

questão da língua nacional, ou seja, a língua que funciona no Brasil e que, por suas especificidades, faz parte do processo de constituição da nacionalidade”.(ORLANDI, GUIMARÃES, 1996).

Isto significa que essa língua articulada no Brasil, chamada língua nacional, é uma língua constituída de todo o processo ocorrido durante sua constituição dentro da miscigenação de cultura tornando-se uma só, por isso, nossa língua deve ser levada em conta.

Com o passar de décadas, hoje falamos variadamente, misturamos tempos verbais e nem nos damos conta disso, são muitas as mudanças que a língua vem sofrendo, como diz Coelho: “a língua vai contando a nossa história”. (COELHO: 1933)

A língua padrão, segundo Carvalho, mostra que as dificuldades dos brasileiros em lidar com a língua materna tem uma causa central: a ausência de um padrão oficial da língua.(CARVALHO 1999:33)

Temos uma norma a seguir, a qual é tida como certa, mas que dentro dessa norma não podemos negar atuam diretamente vários dialetos e, por mais que o tempo passe, que estudamos todas essas variações e procuramos um percurso melhor, os dialetos não sumirão, pois, são a raiz do falar de cada região.

É a partir dessas concepções que se julgam os falares de um grupo social, como diz Possenti: “Os grupos que falam uma língua ou um dialeto, em geral julgam a fala do outro a partir da sua, e acabam considerando que a diferença é um defeito ou um erro”.(POSSENTI, 1996)

A nossa língua sofre variações desde que iniciou-se, é uma constante que vem cercada de reflexos de vários falares, acarretando problemas entre a língua oral e escrita, sendo assim, qual seria então a forma correta de se pronunciar?

A partir disso, entraram as gramáticas para estabelecer uma certa regra, para que todos sigam seus exemplos e para que as escolas ensinem a língua padrão.

Segundo Guimarães:

O perfil da nossa gramática Brasileira (no sentido de gramática normativa) tem sido ditado pela tradição portuguesa e só esse fato torna o vácuo entre língua oral e escrita muito mais profundo no Brasil que em Portugal. (GUIMARÃES, 1996)

Guimarães aborda o fato do vácuo entre língua oral e escrita, porque no Brasil se dá muito valor no que se ensina nos livros didáticos e nas gramáticas pedagógicas, implica em quem aprende falar e escrever corretamente, conforme dialeto padrão.

Isso se dá pelo fato de que não há na linguagem coloquial uma observância fiel a gramática e por isso, muitas falas são consideradas absurdas perante a língua culta.

Nas escolas aprendemos que o certo é a língua padrão e que nossa função é dominá-la. Acabam não percebendo que as gramáticas já estão desatualizadas e que muita coisa mudou, pois a língua é viva, mudando constantemente.

Tudo o que sabemos hoje, é que dentro do nosso aprendizado sobre a língua, está englobado diversos fatores, como a realidade de vida que vivemos. O sujeito, que não possui instrução, se sente marginalizado por ser pobre e por ser dominado pelo discurso da classe superior e ainda é recriminado pelo seu modo de falar. Como é o caso das populações da região nordeste, que falam de um modo diferente, arrastado, diferentemente dos paulistas, que falam sempre puxando o “r”. Quando as pessoas de outras regiões migram para regiões como o sudeste, sofrem discriminação porque as populações do sudeste se consideram superior e não aceitam o modo de falar dessas pessoas migratórias. Isto acaba gerando conflitos de raças, violência e ocasionando

desempregos. Então, todos esses fatores, influenciam no aprendizado de uma linguagem e ao analisarmos a língua, temos que ter isso em mente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste ensaio monográfico, tentamos mostrar um pouco da nossa língua, o quanto ela é importante, para nós e para o meio em que vivemos.

Através da passagem histórica, dos conceitos sobre suas formas, especificidades, tentamos delimitar cada passagem pelo Brasil, como o percorrido durante a legitimação da língua, que foi um fato muito importante e um grande marco na história da Língua Portuguesa.

Desse modo procuramos mostrar, através deste trabalho, que o aprendizado de uma língua requer um processo rigoroso e devemos perceber que há uma certa circularidade, isso porque de onde terminamos, voltamos sempre para o mesmo começo sem exitar, e é somente dentro dessa passagem que percebemos as idas e vindas, as transformações sofridas no modo de falar, nas gramáticas, pois sempre estamos revendo os antigos conceitos e adquirindo novas teorias.

Contudo, deixamos claro que esta reflexão sobre a linguagem partiu do momento em que tive curiosidade em saber por que estudar nossa própria linguagem é complicado, então procurei aprofundar-me na origem da língua e como se deu sua expansão pelos territórios europeus chegando até nosso território e vimos que o aprendizado da linguagem, é mais do que um ato de empenho, criatividade e busca daquilo que ainda não sabemos, mas que temos vontade de saber e capacidade para apreender.

BIBLIOGRAFIA

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. **Cenas de aquisição da escrita**: o sujeito e o trabalho com o texto. Campinas, SP. Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1997. (Coleção Leituras no Brasil)

BENVENISTE, ÉMILE . **Problemas de lingüística geral I**. tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luísa Néri: revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum – 4.ed. Campinas, SP: Pontes, 1995. Editora da Universidade Estadual de Campinas. (Linguagem Crítica.)

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Lingüística**: 2.ed. São Paulo: Martins Fontes. 2001, (Coleção leitura e crítica)

CÉLIA, Maria. **Apostila de Filologia**. Faculdade de Letras de São Bernardo do Campo.

FÁVERO, Leonor Lopes; Andrade, Oliveira de V. da Cunha Lúcia Maria; AQUINO, oliveira Gaspar Zilda. **Oralidade e Escrita**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GALLO, Solange Leda. **Discurso da escrita e ensino**. Campinas, SP: ed. Da Unicamp, 1992. (Coleção Momento)

LIMA, Sobrinho Barbosa. **A língua portuguesa e a unidade do Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2000.

LOBO, Flávio. **Português, língua estrangeira**. Educação. p. 33-42, maio, 1999.

MEDEIROS, de Aderlado. **A Língua Portuguesa**. História. Disponível em página eletrônica. <http://www.linguaportuguesa.ufrn.br/>. Acesso em: 22/05/2003.

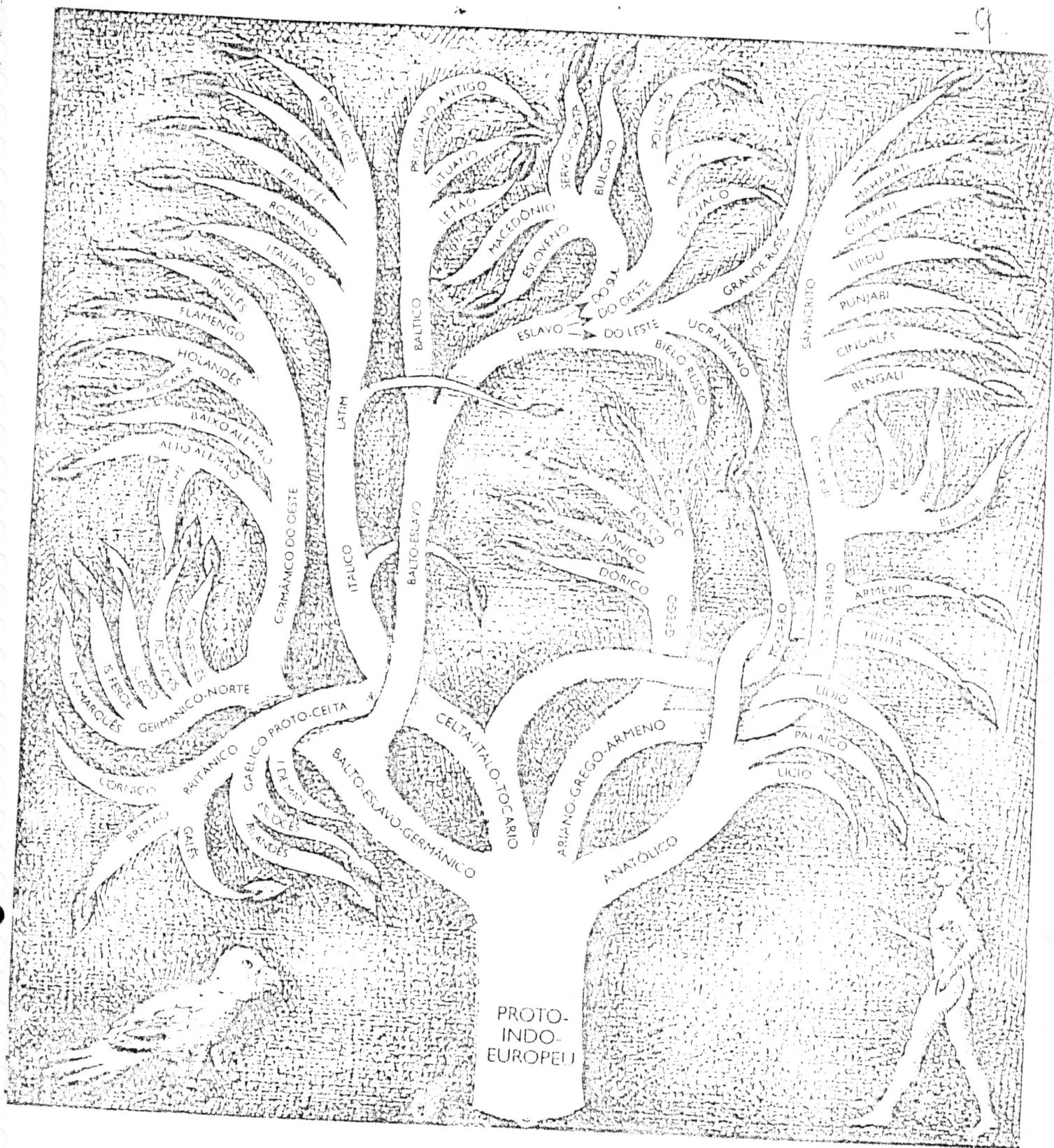
ORLANDI, Puccinelli, Eni. GUIMARÃES, Eduardo. **Língua e cidadania**. O português no Brasil. Campinas, SP: Pontes, 1996. (história das idéias lingüísticas)

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. ed. Cultrix. [ca.1971].

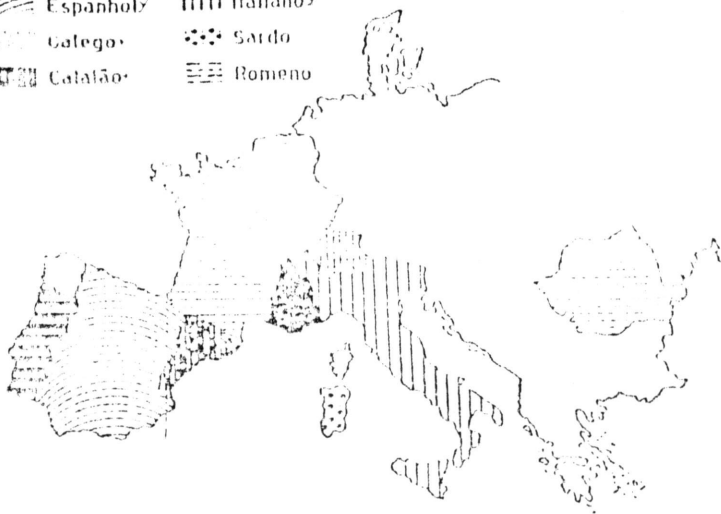
SILVA, e Mattos Virgínia, Rosa. **Mesa Redonda: As origens do português brasileiro a propósito das origens do português brasileiro**. UFBa./CNPq

ANEXO



A árvore das línguas indo-europeias é apenas um pequeno ramo que brota do gigantesco tronco da árvore da língua-mãe que originou, segundo a teoria, os idiomas que existem ou existiram no planeta.

- | | |
|-----------|-----------|
| Português | Provençal |
| Francês | Rético |
| Espanhol | Italiano |
| Galego | Sardo |
| Catalão | Romeno |



EXPANSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA



- | | | | | |
|----------------------|-------------|-----------------|------------------|----------------|
| 1 -- Portugal | 5 -- Goa | 9 -- Macau | 13 -- Timor | 17 -- Angola |
| 2 -- Brasil | 6 -- Damão | 10 -- Java | 14 -- Cabo Verde | 18 -- Zanzibar |
| 3 -- Ilha da Madeira | 7 -- Diu | 11 -- Cingapura | 15 -- Guiné | 19 -- Mombaca |
| 4 -- Açores | 8 -- Ceilão | 12 -- Malaca | 16 -- Moçambique | |

- 1) *Português continental* -- falado em Portugal
- 2) *Português insular* -- falado nas ilhas europeias da Madeira e dos Açores
- 3) *Português ultramarino*, que compreende:
 - a) o brasileiro;
 - b) o *indo português*, com os dialetos crioulos de Damão, Diu, Goa;
 - c) o crioulo de Ceilão;
 - d) o crioulo de Macau;
 - e) o *malaio português*, com os dialetos crioulos de Java, Malaca e Cingapura;
 - f) o *Português* de Timor (ilha da Oceânia);
 - g) o crioulo do Cabo Verde;
 - h) o crioulo da Guiné;
 - i) o *Português* de Angola, Moçambique, Zanzibar, Mombaca e Melinde (todas regiões africanas).